

# Reflexões sobre a cultura material em tempos de isolamento social

Maira Pereira Gouveia Coelho

## Maira Pereira Gouveia Coelho

Graduada em Design de Moda pela UFMG (2014); especialista em Cenografia pelo Galpão Cine Horto (2016) e em Programa de residência Artística pela Fundação Clovis Salgado (2019) e mestranda em Design pela UEMG. Tem experiência como docente na Índia na faculdade Arch Academy of Design (2016-2017), onde, além de trabalhar como educadora também contribuiu coorientando trabalhos de conclusão de curso, desenvolvendo workshops, instalações para o campus, escrevendo artigos para a revista da instituição e organizando visitas de campo em diversos locais do estado do Rajastão.  
Contato: mairagouveia@gmail.com

**RESUMO [PT]:** *O presente estudo busca pensar as relações com a cultura material em tempos de isolamento social, ou seja, como estar confinados em casa pode nos levar a construir uma ruptura na forma como nos relacionamos com os objetos cotidianos. Partiremos da análise de alguns trechos de filmes para pensar como é possível ter uma relação mais afetiva com a cultura material e como essa possibilidade de afeto pode nos levar a relações mais profundas de empatia, exceidade e interação com os outros seres, humanos ou não. Rejeitando o antropocentrismo, esta pesquisa se baseia nos conceitos de ontologia plana para pensar como o isolamento social pode ativar novas formas de nos relacionarmos com a materialidade circundante, repensando o paradigma de consumo em que estamos inseridos.*

*Palavras-Chave: Cultura material; isolamento social; design; afeto; ontologia plana.*

**ABSTRACT [EN]:** *The present study seeks to think about the relationships with material culture in times of social isolation, that is, how being confined at home can lead us to build a disruption in the way we relate to everyday objects. We will start from the analysis of some excerpts from films to think about how it is possible to have a more affective relationship with material culture and how this possibility of affection can lead us to deeper relationships of empathy, ecceity and interaction with other beings, human or not. Rejecting anthropocentrism, this research is based on the concepts of flat ontology to think about how social isolation can activate new ways of relating to the surrounding materiality, rethinking the consumption paradigm in which we are inserted.*

*Key words: Material culture; social isolation; design; affection; relational ontology.*

**RESUMEN [ES]:** *El presente estudio busca pensar en las relaciones con la cultura material en tiempos de aislamiento social, es decir, cómo estar confinado en el hogar puede llevarnos a crear una interrupción en la forma en que informamos a los objetos cotidianos. Comenzaremos con el análisis de algunos extractos de películas para pensar en cómo es posible tener una relación más afectiva con la cultura material y cómo esta posibilidad de afecto puede llevarnos a relaciones más profundas de empatía, ecceidad e interacción con otros seres humanos. o no. Rechazando el antropocentrismo, esta investigación se basa en los conceptos de ontología plana para pensar cómo el aislamiento social puede activar nuevas formas de relacionarse con la materialidad circundante, repensando el paradigma de consumo en el que estamos insertos.*

*Palabras clave: Cultura material; aislamiento social; diseño; afecto; ontología plana*

## Introdução

“If you hold a stone  
Hold it in your hand  
If you feel the weight  
You’ll never be late  
To understand”  
Caetano Veloso

No artigo a seguir gostaríamos de pensar a partir da perspectiva do campo do design sobre um assunto latente: o isolamento social. Em função de uma pandemia em escala global, grande parte da população mundial teve que se submeter à reclusão quase que completa aos seus lares. Pretendemos neste texto, elucidar sobre como essa disrupção no cotidiano pode estimular as pessoas a construírem novas relações com a cultura material.

### Obstáculos para remover obstáculos

Iniciamos nossas reflexões em torno das relações com a cultura material a partir da cena inicial do filme “2001- Uma odisseia no espaço” (KUBRICK, 1968). Durante o capítulo denominado “O amanhecer do homem” (FIG. 1) ao utilizarem-se de um osso como ferramenta, os macacos lançam a raiz, o radical da condição humana ao espaço, naquilo que se tornará uma espaçonave, na cena seguinte. Acompanhamos, no desenrolar da cena, um macaco aprendendo a usar um osso. Essa cena representa uma metáfora dos macacos se tornando seres “inteligentes” ao aperfeiçoarem uma *techné* e passando a usar o osso como arma para matar a caça e sobrepujar os inimigos. O osso seria uma alegoria, a partir da narrativa do filme, ou seja, nosso primeiro objeto, a primeira ferramenta humana, aquilo que nos afirma como seres humanos e, simultaneamente, o início da cultura material em que hoje estamos mergulhados.



Figura 1 - Frames do filme “2001- Uma odisseia no espaço”. Fonte: Kubrick, 1968  
Disponível em: <https://tinyurl.com/ydggj86s6> Acesso 19/05/2020

Segundo Flusser (2009), estamos nos afogando num caminho sem fim de objetos, tecnologias, vídeos e textos que, ao mesmo tempo em que nos auxiliam a caminhar, também atravancam nosso caminho. Em livro sobre o tema, o autor chama o design de “obstáculo para remover obstáculos”. Temos no carro um exemplo para elucidar esse conceito. Criamos automóveis para agilizar nosso trajeto de um destino a outro, mas, os automóveis, em conjunto, geram trânsito, local em que ficamos engarrafados e, conseqüentemente, ao alcançar nosso destino, necessitamos de um lugar para guardar o automóvel. Neste processo, inventamos estacionamentos, um obstáculo secundário para remover/guardar o obstáculo carro. Além disso, a partir dos carros surgem as multas de trânsito, guardadores de carros, oficinas mecânicas, lava-jatos, poluição atmosférica e uma lista sem fim com a qual poderíamos seguir enumerando serviços, profissões e problemas ligados aos obstáculos-carros. Em suma, o carro, um objeto para acelerar nosso caminho, acaba por se transformar num obstáculo.

Nesse momento, grande parte da população mundial encontra-se isolada em suas casas. É importante, antes de tudo, ressaltar que esse é um privilégio que não se aplica a toda a população, tendo em vista que muitos profissionais

relacionados a trabalhos essenciais precisam colocar suas vidas em risco, diariamente, para prestar os serviços sem os quais nossa sociedade entraria em colapso. Outros ainda, vivem em favelas, aglomerados urbanos e comunidades, como nos muitos complexos urbanos brasileiros. Há, também, as pessoas das comunidades rurais numa situação de vida marginal, tendo que dividir parques e pequenos cômodos com uma grande quantidade de membros familiares. Além disso temos, no Brasil, a gravíssima situação das populações indígenas, sobre as quais não teremos condição de nos aprofundar no decorrer desse estudo.

Aqueles de nós que pertencem a uma classe média, em grande parte das vezes branca, que habita os centros urbanos, com acesso aos bens e serviços básicos, que podem trabalhar de casa ou de alguma forma possuem os meios e possibilidades de cumprir o isolamento, têm portanto, uma oportunidade quase única de rever as relações com a entidade lar e com os objetos que conosco a coabitam.

### **Trazendo as coisas de volta à vida**

Para pensar nessa relação com a cultura material partimos dos conceitos de horizontalidade nas relações entre objetos e pessoas. Essa horizontalidade é denominada de diversas maneiras por diferentes teóricos, tais quais; ontologia plana e interação (BARAD, 2007), agência (MILLER, 2009; INGOLD, 2012; GELL, 2018), ator-rede (LATOUR, 2012), entre outros. Estas são terminologias heterogêneas unidas por um eixo comum: a consciência que os estudiosos da cultura material, especialmente da antropologia, têm desenvolvido sobre a realidade, de que os objetos constituem a realidade horizontalmente conosco. Segundo estas teorias, os objetos existem em igualdade ontológica com o ser humano, ou seja, rejeita-se a perspectiva antropocêntrica do homem como o único agente social e passa-se a observar como a realidade é constituída a partir de diversos outros agentes que moldam como habitamos o mundo e mesmo quem somos.

Aprofundamo-nos, desta forma, numa reflexão sobre a casa em si. O antropólogo Miller (2013) afirma que a casa constitui um dos seres/entidades mais imponentes no nosso imaginário. Ele exemplifica que sua autoridade é tão profunda que as casas antigas e abandonadas desenvolvem e materializam seus próprios espíritos, que chamamos de fantasmas.

No filme “Sombras da Vida” (2017), acompanhamos a relação de uma dessas entidades intrarrelacionais fantasma-casa, podendo vivenciar, durante a narrativa, uma existência a partir da perspectiva desse ser “quase eterno”, e empatizar com o esvaziamento experienciado pelo ser, das diversas relações apresentadas de esvaziamento das próprias relações humanas demonstradas ao longo do filme, a partir das vivências de diferentes habitantes da casa. O filme tem caráter existencialista e torna a casa um personagem muito marcante na narrativa, ilustrando como, apesar de cada habitante de uma casa se apropriar dela de alguma forma, a casa é uma entidade por si própria (FIG. 2).



Figura 2 - Frames do filme “Sombras da Vida”. Fonte: David Lowery, 2017  
Disponível em: <https://tinyurl.com/ydgj86s6> Acesso 19/05/2020

Refletindo ainda sobre essa imagem da entidade-casa e os objetos que nela habitam, recordamos de um exemplo que explicita esse poder dos objetos sobre as nossas vivências dentro do lar, ao lembrar a animação que marcou o imaginário popular nas últimas décadas com personagens característicos, afinal quem não assistiu ao popular filme “A Bela e a Fera” (1991) com seus tão carismáticos trabalhadores do lar, que enfeitados a se tornarem objetos, coordenam a casa, conversam entre si, auxiliam os personagens principais e até mesmo moldam os rumos da trama? (FIG. 3). Quem mais em tempos de isolamento social e solidão, assim como a Bela, anda trocando confidências com seu guarda-roupa? Sobre esse universo silencioso e particular do mundo dos objetos é que nos ateremos daqui pra frente.



Figura 3 - Frames do filme “A Bela e a Fera”. Fonte: Studio Disney, 1991  
Disponível em: <https://tinyurl.com/ydgj86s6> Acesso 19/05/2020

No filme “Mulheres do Século 20” (2016), a artista Abby, interpretada por Greta Gerwig, realiza o projeto de fotografar os seus objetos. O trabalho é inspirado numa obra similar do próprio diretor Mike Miller, que fotografa os objetos de suas sobrinhas, num processo de construção de uma narrativa e, ao mesmo tempo, de uma espécie de curadoria. Abby, ao falar sobre si, constrói, simultaneamente um diálogo com trajetórias de outras mulheres, enquanto registra objetos cotidianos reconhecíveis em diferentes contextos geográficos e culturais (FIG. 4.) A partir dessas fotografias, nos damos conta de que os objetos que constituem nossa rotina, nos revelam tanto quanto nossos discursos.

A trama nos faz refletir sobre nossas relações com nossos objetos/obstáculos rotineiros, que auxiliam e muitas vezes dão sentido à nossa vida. Como afirma Ingold (2012), trazer as coisas de volta à vida é nos permitir ser com elas e a partir delas. Assim como uma pipa ganha vida ao ser com o vento, e o peixe se imbuí de vida ao ser no fluxo da correnteza aquática, exemplos elucidados pelo próprio autor da noção de vida; a personagem Abby ganha vida ao ser/dançar com o quarto que ela habita numa das cenas emblemáticas do filme. Que possamos, nesse momento de reclusão, buscar oportunidades de ser/dançar com nossos quartos, sofás, salas, paredes, chaves, e que, acima de tudo, tenhamos a oportunidade de construir uma experiência emancipadora e não escravizante com os objetos. É o que Flusser resume como “emergir do mundo para experienciá-lo” (2009, p. 297).



Figura 4: Frames do filme “Mulheres do século 20”. Fonte: Mike Miller, 2016  
Disponível em: <https://tinyurl.com/ydgj86s6> Acesso 19/05/2020

Na contramão desse pensamento que busca um relacionamento mais significativo com as coisas, inúmeras marcas tentam recuperar, de alguma forma, o ritmo de consumo, por meio de enxurradas de propagandas, cupons e promoções nos meios de comunicação virtuais e de uma profusão de anúncios nas redes sociais, orquestradas por algoritmos que tentam rastrear os objetos de desejos da população a partir dos microfones, das telas e dos GPS.

Enquanto isso temos, pela primeira vez em muito tempo, a oportunidade de rever com mais calma nossa relação com a cultura material circundante e aproveitar essa oportunidade para criar e recriar nossos próprios objetos, desenvolvendo e resgatando técnicas e manualidades, como bordados, crochês entre outras técnicas, que servem não apenas para dar vida a novos objetos, mas também como calmantes, em forma de arte-terapia e paliativos para a ansiedade e o medo que, naturalmente, nos afligem nesses tempos de pandemia.

Mais do que uma tentativa de pseudominimalismos, como as novas modas incentivadas por séries do Netflix, que nos falam em buscar alegria nos objetos, a busca na ontologia plana é de nos reconectarmos profundamente com estes objetos para que possamos respeitá-los e viver, com eles, experiências de uma nova natureza, modificando, de forma mais profunda, nossas relações com a cultura material. Não estamos, portanto, em busca de novas experiências, como explica Benjamin (2012), mas sim, de possibilidades de emancipação. Nas palavras desse autor, o que as pessoas desejam “é libertar-se das experiências, anseiam por um mundo em que possam afirmar de forma tão pura e clara a sua pobreza, a exterior e também a interior, que daí nasça alguma coisa que se veja” (p.58). Esse outro tipo de relação com a cultura material, permite o reconhecimento da dimensão aurática dos objetos e muda nosso estado fundamental. Deixa uma espécie de marca, rastro, em nosso ser. Desta forma, estas experiências não são passageiras e esvaziadas como as emoções, como o autor afirma, não são empobrecidas. Elas, deixam vestígios.

### **Sobre experiências e intrações**

É o que Espinoza (2008) elucida como o afeto. Esse afeto não necessariamente é positivo, ele pode gerar incômodos, medos, mas, o importante é que gera uma espécie de transformação profunda em quem somos e que Barad (2007) denomina como o processo de *intração*, termo cunhado pela autora. Segundo ela a *intração* é fundamentalmente diferente da interação, pois não se reconhecem duas entidades separadas. Estamos assim em constante construção, desconstrução e reconstrução a partir dos objetos, como afirma Morin (2015), compreendendo “o elo inseparável entre o observador e a coisa observada” (p.12). Buscamos a ontologia plana para que possamos usar esse tempo de isolamento numa tentativa de ressignificar estas relações do afeto com a casa e os seres/objetos que conosco coabitam.

A capacidade de repensar a cultura material representa, portanto, nossa possibilidade de repensar as relações conosco e com os outros seres no mundo. Dentro desse processo de objetificação e esvaziamento das relações, cada vez mais estimulado na sociedade capitalista, cremos que, talvez se tivermos uma relação mais afetiva e emancipatória com os objetos, possamos voltar a ter uma relação mais afetiva com as pessoas.

Um exemplo desse processo se dá no filme *Tóquio* (2008), de Michel Gondry (FIG. 5). Nesse filme, a personagem principal, sem entender muito seu propósito na vida e em meio a uma crise existencial, em que todos os outros parecem ter “funções” na sociedade, se transforma numa cadeira. Depois desse processo doloroso e assustador, ela, ao aceitar sua condição de objeto, de alguma forma se adapta e acha nessa nova condição uma capacidade de ser livre. O filme é bem profundo e permite ainda outras leituras, mas nos detemos a essa devido ao escopo limitado do artigo. Uma parábola similar ocorre no conto *Coisas*, de José Saramago (1978), em que as pessoas são postas no lugar das coisas e buscam, após isso, sua libertação.



Figura 5: Frames do filme “Tokio”. Fonte: Michel Gondry, 1991.  
Disponível em: <https://tinyurl.com/ydgi86s6>. Acesso 19/05/2020.

## Considerações Finais

Pretendemos, com esse sucinto artigo, apresentar os conceitos relacionados à ontologia plana aplicando a teoria à análise de alguns filmes, na tentativa de que possamos usar esse período de isolamento social em nossas casas para refletir sobre nossas relações de afeto, carinho, cuidado mútuo e consumo com os objetos que habitam conosco em nosso lar. Objetos estes, que nos proveem, muitas vezes, de uma vida mais confortável e amena.

A presente reflexão surge para que, ao invés de projetar objetos e nos relacionar com eles de forma a serem obstáculos para remover obstáculos, ou “pedras no meio do caminho”, como diria o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade e que pesam na nossa existência e acelerando nossa queda, que possamos projetá-los e vivenciá-los como experiências de leveza e transformação como paraquedas, que nos permitam, como afirma o pesquisador-indígena Krenak, “adiar o fim do mundo” (2019). Que possamos segurar a pedra, sentir seu peso, e que não seja tarde demais para compreender, como afirma Caetano Veloso no pórtico deste ensaio.

Que possamos usar esse tempo para observar nossos companheiros rotineiros, deixar que esses objetos ajam sobre nós, nos revelando novas alternativas e formas de habitar, coabitar e cocriar com eles. Reconhecendo neles a agência para que esse processo de isolamento seja uma oportunidade de ver quais são de fatos os bens essenciais, repensar excessos, resgatar e reencontrar a beleza de objetos antigos, pensar na possibilidade do conserto e novas formas de usos, refletir sobre o processo de limpeza e manutenção e em quem os executa. Mudar móveis de lugar e perceber como essa mudança nos reconfigura de diversas maneiras. Repensar a relação com o lixo e com o descarte e, acima de tudo, ter a oportunidade de repensar o processo de objetificação e o hábito capitalista de ver todos os seres e coisas como descartáveis.

Mais do que limpar afetosamente os objetos e não mais terceirizar esse serviço, que para além disso, possamos, simultaneamente, apreciar o trabalho de quem faz esse cuidado, zelando pela limpeza e organização de nossas casas, muitas vezes num processo imperceptível. Que possamos assim, usar o isolamento, em casa, para tirar o véu do cotidiano que invisibiliza as coisas e as pessoas. Afinal, como afirma o Comitê Invisível: “não são as razões que fazem as revoluções, são os corpos” (COMITÊ INVISÍVEL, 2017, p. 7), que nos apropriemos de nossos corpos-casas para começar pequenas revoluções.

Para os leitores que ficaram inquietos e curiosos com esse passeio de referências tão heterogêneas e dispostos a refletir um pouco mais sobre a nossa relação com a casa a partir de filmes, indicamos ainda os filmes “Encaixotando Helena” (1993) e “Ex-Machina” (2014), que propõem outras interessantes reflexões das relações, especialmente dos corpos-mulheres com os corpos-casas. Indico ainda o livro da historiadora Silvia Federici: O Ponto Zero da Revolução, que analisa as origens e consequências do trabalho doméstico na sociedade capitalista.

## Referências e bibliografia consultada:

BARAD, Karen. **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning**. London: Duke University Press, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura, história da cultura**. São Paulo: Brasiliense: 1994.

\_\_\_\_\_, Walter. **Estética e Sociologia da Arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

COMITÊ INVISÍVEL. **Motim e Destituição**. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GELL, Alfred. **Arte e Agência**. São Paulo: Ubu, 2018.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_, Bruno. **Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design**. Agitprop n.58 (ano 6), 2009.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SARAMAGO, José. **Objecto Quase**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

**Recebido: 19/05/2020.    Aprovado: 30/06/2020**